

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA - SUPLEMENTO 4.1
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY - SUPPLEMENT

ORGS.

Amílcar Guerra • Hermenegildo Fernandes
Nuno Simões Rodrigues • Martim Aires Horta



הַיְכָל רְאֵתָה עֵינַי
OS MEUS OLHOS
VIRAM TODAS ESSAS COISAS

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A JOSÉ AUGUSTO RAMOS

TOMO I

CH
UL



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

SUPLEMENTO | SUPPLEMENT

4

הוֹ-כֵּל רְאֵתָהּ עֵינַי

Os meus olhos viram todas essas coisas

Estudos em Homenagem a José Augusto Ramos

TOMO I

Organizadores:

Amílcar Guerra
Hermenegildo Fernandes
Nuno Simões Rodrigues
Martim Aires Horta



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

SUPLEMENTO 4 | SUPPLEMENT 4

TOMO I

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnês García-Ventura (Universitat Autònoma de Barcelona), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Breno Batistini Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

Título | Title

הָן כָּל רְאִיתָה עֵינַי

Os meus olhos viram todas essas coisas. Estudos em Homenagem a José Augusto Ramos.

Organizadores do Suplemento | Supplement Organisers

Amílcar Guerra, Hermenegildo Fernandes, Nuno Simões Rodrigues, Martim Aires Horta

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Carlos Pereira, Gonçalo Matos Ramos, Inês Simão Sebastião, João Correia da Conceição, Sofia Beato

Revisão Editorial | Copy-Editing

André Margado, Carlos Pereira, Gonçalo Matos Ramos, Inês Simão Sebastião, João Correia da Conceição, Martim Aires Horta, Sofia Beato

Comissão Científica do Suplemento | Supplement Editorial Board

Alberto Bernabé Pajares (Universidad Complutense de Madrid), Arnaldo do Espírito Santo (Universidade de Lisboa), Gregório del Olmo Lete (Universitat de Barcelona), Jan N. Bremmer (Rijksuniversiteit Groningen), José Barata-Moura (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Silva (Universidade de Coimbra), Manuel José Clemente (Patriarcado de Lisboa), Maria Helena da Cruz Coelho (Universidade de Coimbra), Maria do Rosário de Sampaio Themudo Barata de Azevedo Cruz (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica da Revista | Journal Editorial and Scientific Board

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Universität Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vitta (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico)

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Imagem da Capa | Cover Image

Almada Negreiros, *Expulsão do Paraíso*, 1961
Gravuras Incisas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Fotografia de Amílcar Guerra

Impressão | Print: SERSILITO - EMPRESA GRÁFICA

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

ISBN: 978-989-8068-42-2

Depósito legal (Cadmo): 54539/92

Depósito legal: 524995/23

Tiragem: 250 exemplares

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020. This work is financed by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology, I.P. in the scope of the projects UIDB/04311/2020 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

הֲרִפֹּל רְאִיתָה עֵינַי שְׁמַעְהָ אֲזַנִּי וּתְקַו לָהּ:
בְּדַעְתְּכֶם תִּדְעֵתִי גַם־אֲנִי לֹא־נִפְלֵ אֲנֹכִי מִכֶּם:
אֵילָם אֲנִי אֶל־שָׂדֵי אֲדַבֵּר וְהוֹכַח אֶל־אֵל אֲחַפְּזִי:

Os meus olhos viram todas essas coisas
e os meus ouvidos ouviram-nas e entenderam-nas.
Aquilo que sabeis, eu também sei,
não vos sou inferior.
Mas eu vou falar com o Todo-Poderoso,
e desejo discutir com Deus.

Livro de Job 13:1-3

Tradução de José Augusto Ramos
para a “Bíblia dos Capuchinhos”



ÍNDICE

- 13 **Era uma vez**
Lopes Morgado
- 17 **Tabula Gratulatoria**
- 21 **Abertura**
- 33 **José Augusto Martins Ramos - Curriculum Vitae**
- 75 **Álbum Fotográfico**
- 91 **Uma carta da Grécia - O Padre Ramos e a sua estada na Grécia**
- 95 ***Chanson de Printemps***
- 99 **José Augusto Ramos: Uma vida ao serviço da Bíblia**
João Duarte Lourenço
- 115 **I - Mundos e Literaturas da Bíblia**
- 117 **La Historia Textual y Literaria de Los Libros Bíblicos y la Edición de la Biblia Hebrea**
The textual and literary history of the Biblical Books and the edition of the Hebrew Bible
Julio Trebolle Barrera
- 141 **Compreender o humano a partir do divino: Génesis 6:1-4**
Understanding the human from the divine: Genesis 6:1-4
Armindo Vaz
- 165 **As conotações do destino no Antigo Testamento a partir de *mnh***
*The Old Testament connotations of fate from *mnh**
Cátia Tuna
- 181 **A religião em Israel e Judá nos séculos VIII-VII a.C.**
Uma análise pluridisciplinar dos textos proféticos
Religious life in Israel and Judah in the 8th-7th centuries BC.
A multidisciplinary review of the prophetic texts
Sofia Cardetas Beato
- 193 **Autonomia, submissão e sobrevivência: a condução política do Reino de Judá entre a ascensão do Egito e a primeira ocupação de Jerusalém, c. 615-597 a.C.**
Autonomy, submission, and survival: political leadership in the Kingdom of Judah from the rise of Egypt to the first occupation of Jerusalem, ca. 615-597 BC.
João Pedro Vieira
- 217 **Interpretar a casa e o parentesco a partir do Livro de Rute**
An interpretation about house and kinship in the Book of Ruth
Catarina Pinto

- 233 **O Messias Noivo no testemunho de João Baptista (Mc 1:7-8)**
The Bridegroom Messiah according to John the Baptist's testimony (Mk 1:7-8)
Isaías Hipólito
- 249 **Um inverno decisivo na vida de Paulo de Tarso**
A decisive winter in the life of Paul
José Tolentino de Mendonça
- 263 **Shimon, Príncipe de Israel: A história de um sonho**
Shimon, Prince of Israel: The history of a dream
Suzana Chwartz
- 283 **Acerca das origens do Gnosticismo**
Concerning the origins of the Gnosticism
Isidro Pereira Lamelas
- 305 **Paideia bíblica em contexto**
Biblical paideia in context
Manuel Alexandre Júnior
- 317 **A Catábise na Era Cristã**
Katabasis in the Christian Era
Sofia Vasconcelos Nunes
- 327 **“Quem dizem os homens que Eu sou?” (Mc 8:27): em busca do Jesus bíblico e do Jesus alcorânico**
“Who says the man that I am?” (Mk 8:27): in search of the biblical and Qu’ranic Jesus
Carlos Pereira
- 345 **II - Horizontes do Próximo Oriente Antigo**
- 347 **O contacto com o Sagrado no Antigo Egipto**
The contact with the Sacred in Ancient Egypt
Rogério Sousa
- 367 **O massacre ritual dos inimigos**
Testemunhos do Período Pré-Dinástico ao Império Médio
The ritual slaughter of enemies
Testimonies from the Predynastic Period to the Middle Kingdom
José das Candeias Sales
- 397 **Um marfim egípcio em Ugarit: circulação, negociação e sentido**
An Egyptian wand at Ugarit: circulation, negotiation, and meaning
Catarina Apolinário de Almeida

- 415 **Entre o Humano e o Divino**
Between the Human and the Divine
Telo Ferreira Canhão
- 429 **Khirbet Rabud: Nuevos datos sobre el Bronce Reciente en el sur de Palestina**
Khirbet Rabud: new data about the Late Bronze Age in southern Palestine
Juan-Luis Montero Fenollós & Francisco Caramelo
- 447 **Ecoss do semítico ocidental na correspondência de Mari**
Echoes of West Semitic in the correspondence from Mari
Maria de Fátima Rosa
- 459 **Iconografia da devoção: Um estudo de caso de selo cilindro**
Iconography of devotion: A case study of a cylinder seal
Katia Maria Paim Pozzer
- 469 **Realeza e propaganda: Assíria, séculos X-VII a.C.**
Kingship and Propaganda: Assyria, 10th-7th centuries BC.
Marcel L. Paiva do Monte
- 493 **O Deus Tempestade e a Serpente (CTH 321): edição crítica, tradução e breve comentário**
The Storm God and the Serpent (CTH 321): critical edition, Portuguese translation, and brief commentary
João Paulo Galhano
- 521 **Archetypes of "dying and rising" gods: The case of Adonis and Baal**
Arquétipos de divindades de "morte e renascimento": O caso de Adónis e Baal
Alexandra Díez de Oliveira†
- III - Ecoss Mediterrâneos e Clássicos**
- 537 **Alguns aspectos sobre a influência egeia no Próximo Oriente durante o final do 2.º milénio a.C.**
About the aegean influence in the Near East during the late 2nd millennium BC.
Elisa de Sousa
- 553 **Seila, a Ifigénia bíblica: Reflexões em torno de um mitema**
Seila, the biblical Iphigenia: Reflections on a mytheme
Nuno Simões Rodrigues
- 575 **A loucura de Cambises da Pérsia: Heródoto em diálogo com o discurso científico hipocrático**
The madness of Cambyses of Persia: Herodotus in dialogue with the hippocratic scientific discourse
Carmen Soares

- 585 **Do Olimpo para a polis. A trajectória do progresso humano**
From Olympus to the polis. The trajectory of human progress
Maria de Fátima Silva
- 599 **A transmissão no mito de Prometeu**
Transmission in the Prometheus myth
Ricardo Louro Martins
- 613 **A densidade do relato do Mensageiro em Édipo em Colono**
The depth of the Messenger's report in Oedipus at Colonus
Maria do Céu Fialho
- 623 **Apolo, o vinho e as Meras do Pireu**
Apollo, wine and the Moirai from the Piraeus
Martim Aires Horta
- 647 **Tradição e República em Roma**
Tradition and Republic in Rome
Rodrigo Furtado
- 667 **A batalha de Coracésio (67 a. C.)**
The battle of Korakesium (67 BC)
José Varandas
- 693 **As Res Gestae Diui Augusti como relato de uma experiência religiosa**
Res Gestae Diui Augusti as an Account of a Religious Experience
Pedro Braga Falcão
- 703 **Filosofia e política na altercatio entre Agamémnon e Pirro nas Troades**
Contributo para o estudo da influência de Séneca na identidade romana
Philosophy and politics in the altercatio between Agamemnon and Pyrrhus in Troades
Contribution to the study of Seneca's influence on the Roman identity
Paulo Sérgio Margarido Ferreira
- 721 **Romanos – os testemunhos inscritos**
Roman people – the inscribed evidences
José d'Encarnação
- 733 **QSR marca sobre ânfora romana do tipo Dressel 14 lusitana encontrada em Belém (território de Felicitas Iulia Olisipo)**
QSR a Dressel 14 Lusitanian Roman amphora stamp found at Belém (Felicitas Iulia Olisipo territory)
Carlos Fabião
- 749 **Sur le Sublime dans les Images de Philostrate l'Ancien**
On the Sublime in the Images of Philostratus, the Elder
Abel N. Pena

761 **Uma narrativa de fantasmas da Antiguidade Tardia**

A ghost narrative of Late Antiquity

Alexandra de Brito Mariano & J.J. Dias Marques

771 **A descrição dos Camarinos na *Expositio Totius Mundi et Gentium*.**

Um testemunho das percepções greco-romanas tardias acerca do Extremo Oriente

The description of the Camarini in the Expositio Totius Mundi et Gentium.

A testimony of late Greco-Roman perceptions about the Far East

Paula Barata Dias




Mordecai Ardon, Ribeira de Kidron (נהל קדרון), 1942
Museu de Israel, Jerusalém - © Ardon Estate
Fotografia © The Israel Museum, Jerusalem por Yoram Lehman

Um inverno decisivo na vida de Paulo de Tarso

A decisive winter in the life of Paul

José Tolentino de Mendonça

Centro de Investigação de Teologia e Estudos de Religião, Universidade Católica Portuguesa
joseitolentinomendonca@reitoria.ucp.pt |  0000-0001-7959-2739

Resumo: Este estudo procura reflectir sobre a biografia de Paulo de Tarso, tomando um episódio das suas viagens e esforços evangelizadores como mote para ilustrar um certo sentimento de encruzilhada, tanto sentido no Istmo como entre as recém-formadas comunidades e as tradições antigas: uma tensão que, a ser ultrapassada, definia os caminhos fundamentais do Cristianismo primitivo na sua expansão pelo Mediterrâneo.

Palavras-chave: Paulo de Tarso; Corinto; Cristianismo primitivo; fontes paulinas.

Abstract: This essay intends reflect on the biography of Paul, taking note of an episode of his travels and efforts as illustrative of a certain sense of crossroads, felt in the Isthmus by the Apostle and felt between the newly formed communities and the old traditions, a tension to which overcoming would define the fundamental directions of early Christianity on the move in the Mediterranean.

Key-words: Paul; Corinth; early Christianity; sources for the study of Paul.

Na ode que dedica à cidade de Corinto, Píndaro diz, a dada altura, que há um sentido em todas as coisas e um momento oportuno para colhê-lo.¹ Naquele inverno de 55 ou de 56,² Paulo está em Corinto e vive um desses momentos. Oficialmente está em trânsito, à espera de continuar viagem. E sabe-se que naquela época não era fácil encontrar um barco que nos levasse de um sítio para outro. Muitas vezes tornava-se “necessário esperar a oportunidade para uma partida”,³ e aguardar inclusive por condições meteorológicas favoráveis. O chamado *mare clausum* ia de novembro a março, uma inteira estação.

Paulo passa em revista o que viveu e é impossível que o seu coração não se deixe prender por viagens bem e mal-sucedidas, por inúmeros rostos amados, por acontecimentos felizes ou hostis, onde tanto se consolidou a sua paixão pelo Evangelho de Cristo. No fundo, dedicou àquele oriente o melhor do seu esforço como missionário itinerante. Tinha-se entregue por completo ao círculo de comunidades que estabelecera à volta do mar Egeu, começando aí do zero, pois, como explica, “sempre fiz questão de pregar o evangelho onde Cristo ainda

1 P. O. 13.47-48 (trans. Lehnus 1981).

2 O debate sobre a cronologia de Paulo continua a dividir os estudiosos. No caso desta estadia em Corinto há, por exemplo, quem a coloque no ano de 55. É o caso de Barbaglio (1999, 518); no ano de 56; veja-se Schnelle (1994, 135); no ano de 57, Bartolomé (2009, 403); ou mesmo de 58 em Reicke (2001, 63).

3 Reynier 2008a, 59.

não era conhecido.”⁴ Mas sente agora que a sua atividade missionária naquelas paragens está prestes a concluir-se.

Ler a própria vida em profundidade

Há que ler, contudo, este momento da vida de Paulo em profundidade. Quando ele declara a sua missão cumprida,⁵ não quer dizer que tudo esteja assente e resolvido. Aliás, Paulo tem vivido em extrema turbulência aqueles anos. E ele sabe que a crise que atravessa as suas igrejas, se é “provocada por intromissões externas, não deixa também de encontrar ressonâncias, para não dizer conviências, dentro das próprias comunidades.”⁶ Temos de poupar-nos a leituras simplistas e, desde já, aludir a um dos nós do problema. Claramente, a vulnerabilidade que estala nas comunidades paulinas tem a ver com o processo mesmo da sua constituição, alicerçada em torno daquilo que a historiadora Marie-Françoise Baslez designa como prática de “assimilação”.⁷ Um corpo o mais heterogéneo que se possa pensar, em termos étnicos, sociais e culturais, teria, como se veio a verificar, naturais dificuldades em coincidir numa comunhão estável de pontos de vista. Os cristãos de Corinto não se entendiam quanto à circuncisão. Os de Colossos pretendiam manter a separação de mesa entre os cristãos vindos do judaísmo e os de extração pagã. Na Galácia, guerreava-se por manter ou por abolir o calendário das festas judaicas, mesmo depois de Paulo lhes ter pregado a liberdade trazida por Cristo (“Ó Gálatas insensatos! Quem vos enfeitiçou, vós a quem Cristo crucificado foi apresentado”⁸). Paulo vai tomando progressiva consciência da necessidade de “sair da estrutura gruposcular.”⁹ A missão cristã tem o seu dinamismo próprio e verdadeiramente depende de outro: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer.”¹⁰ Paulo visitou as suas Igrejas ao longo do tempo, manteve contactos diretos, enviou-lhes os seus colaboradores, escreveu-lhes cartas, formou um grupo de responsáveis para garantir a coesão organizativa... Sente que fez a sua parte. A sua expectativa agora é que estas igrejas estejam, mesmo com todas as hesitações, preparadas para caminhar pelo próprio pé.

Neste inverno em Corinto, andando no movimentado porto de Cêncreas, que se abre sobre o mar Egeu, ou recolhido em casa de Gaio (o seu provável hospedeiro,¹¹ um dos poucos cristãos daquela comunidade que teria batizado pessoalmente¹²), Paulo tem o tempo interior necessário para reconfigurar a sua missão. Talvez mais do que em outras estações, Paulo é aqui “um homem livre e um apóstolo maduro.”¹³ No intenso debate doutrinal com os seus

4 Rm 15:20.

5 Rm 15:23.

6 Fabris 1991, 377.

7 Baslez 1991, 227.

8 Gl 3:1.

9 Baslez 1991, 234.

10 1 Cor 3:6.

11 Fabris 1997, 379.

12 1 Cor 1:14.

13 Bartolomé 2009, 404.

adversários, teve oportunidade de testar a coerência, mas também de compreender certas insuficiências da sua própria pregação. O diálogo, nem sempre fácil, com as suas comunidades em crise permite-lhe aprofundar as razões essenciais da fé e do estilo de vida cristã. Andaria, agora, pelos sessenta anos de idade, o vigor físico já não é o mesmo, e não lhe resta, porventura, muito tempo. Mas é um Paulo surpreendentemente sereno e esperançado aquele que encontramos. E se há preocupações que desfilam no horizonte, há novos projetos que se forjam.

Ques motivos pressionavam Paulo?

Talvez tenha acontecido que, logo no início da sua missão, quando percorreu na Macedónia um troço da Via Inácia (Via Egnatia), essa colossal estrada militar romana que partia do Adriático e chegava até Tessalónica e Filipos, ligando Oriente e Ocidente,¹⁴ Paulo tivesse pensado que, um dia, teria de percorrer aquela estrada até ao fim. Pelo menos, é isso que confessa na Carta aos Romanos quando refere que por diversas vezes alimentou o sonho de alcançar a capital do império.¹⁵ Mas o programa que agora se desenha não é exactamente esse: é maior.

Qualquer habitante da bacia do Mediterrâneo concordaria de bom grado com o notável Estrabão, para quem o fim do mundo habitado coincidia com o oceano Atlântico: “o Promontório Sagrado (o Cabo português de S. Vicente) é o ponto mais Ocidental, não apenas da Europa, mas de toda a terra habitada.”¹⁶ E é conhecido o gosto estratégico de Paulo em explorar a possibilidade das fronteiras. Porém, como defende, Jerome Murphy-O’Connor “é necessário supor a existência de um motivo teológico relevante, porque do ponto de vista prático a Espanha tinha bem poucos motivos que a recomendassem.”¹⁷

De facto, viajante avisado que era, deve ter reconhecido a complexidade algo temerária de tal empresa. No Mediterrâneo oriental, Paulo movia-se num mundo cuja língua falava (o grego corrente denominado *koïnè*), e havia uma rede pré-estabelecida de instituições judaicas e de contactos de que se podia valer. Mas a diáspora judaica não se estendia a ocidente para lá da Península Itálica. Isso significava que não o esperavam muitos ouvidos preparados para compreender, através do conhecimento das Escrituras judaicas, o Evangelho de que lhes falaria. Nem haveria muitas bocas a falar grego. A língua grega tinha resistido aqui e ali, em escassas colónias, ao longo da costa leste, mas o interior estava atabalhado por um número impressionante de dialetos ibéricos. O latim era a língua da administração romana, e é possível que Paulo a tivesse conhecido,¹⁸ mas o mesmo não acontecia com uma parte significativa da população que ele sonhava encontrar.

14 Veja-se o notável estudo de Chantal Reynier (2009b).

15 Rm 1:13

16 Str. 3.1 (trans. Lasserre 1966).

17 Murphy-O’Connor 1996, 330.

18 Sanders 1991, 10.

Que motivo teológico pressionava Paulo naquele inverno em Corinto? Uma hipótese avançada por Spicq, em 1969, e corroborada por outros autores, é que Paulo elegera como seu mapa missionário a própria Bíblia. Escreve Spicq: “para um antigo discípulo de Gamaliel, conhecedor a fundo da geografia religiosa descrita pela Bíblia, a extremidade do mundo ocidental era representada pela Espanha ou mais exactamente por Tárzis.”¹⁹ Ora, Tárzis é uma das cidades pagãs mais vezes citada no Antigo Testamento: desde a tábua etnográfica de Gn 10:4, passando pelas peripécias do relutante profeta Jonas²⁰ à visão escatológica de Isaías que associa Tárzis à esperança messiânica:

Virei para reunir todas as nações e línguas; e elas virão e verão a minha glória. Estabelecerei um sinal em seu favor, e enviarei alguns dos seus sobreviventes às nações: a Tárzis, aos líbios e aos lídios, famosos flecheiros, a Tubal, à Grécia, e às ilhas distantes, que não ouviram falar de mim e não viram a minha glória.²¹

Razões teológicas, culturais e geográficas permitem dizer que “um apóstolo consciente do dever de pregar o Evangelho a toda a criatura não podia não ter a Península Ibérica diante dos olhos.”²²

A peça que faltava

E mesmo que não tenha pensado nisso, Paulo saberia que o território ocidental do Mediterrâneo era muito diferente daquele que conhecera como a palma das suas mãos. Não teria levado muito tempo a concluir de que lhe seria útil a experiência de quem estivesse mais perto desse admirável mundo novo. Roma emergiu então como a preciosa peça que faltava.

Roma não lhe era completamente estranha. Os seus fiéis colaboradores, Priscila e Áquila, provinham dessa Igreja. Eles trabalham ao lado de Paulo, primeiro em Corinto e depois em Éfeso.²³ Há uma rede de relações que o capítulo 16 da Carta aos Romanos nos faz supor, com muita certeza. Nesse capítulo, saúda vinte e seis pessoas, vinte e quatro das quais são tratadas pelo nome. Além disso, refere três igrejas domésticas (16:5, 14, 15) e dois grupos de (ex-)escravos (16:10, 11) que podem corresponder a outras duas. De Andrônico e Júnio Paulo, diz serem seus “parentes e companheiros de prisão” (16:7). A adjetivação de “caro amigo” (16:8) dedicada a Ampliata não pode não ser considerada, e muito menos o que Paulo diz a Rufo: que a mãe deste foi uma mãe para ele (16:13). Por outro lado, é natural que Gaio, o anfitrião de Paulo, tivesse conhecidos na comunidade de Roma, pois endereça-lhe saudações, e a ele associam-se dois irmãos, Erasto e Quarto, ambos com nomes greco-latinos, sendo que o primeiro tem a alta posição de “o tesoureiro da cidade”. E também não faltariam

19 Spicq 1969, 131.

20 Jon 1:3.

21 Is 66:18-19.

22 Spicq 1969, 133.

23 1 Cor 16:19.

em Corinto mercadores e viajantes de passagem capazes de levar e trazer informações. Assim, Paulo poderia estar mais do que confiante de que encontraria cumplicidade e subsistência entre os companheiros de Roma. Que mais não fosse, quase todos eram formados no *ethos* cultural do Mediterrâneo oriental, onde a hospitalidade era regra sagrada.

Mas não se tratava apenas de suporte logístico ou linguístico, embora isso estivesse naturalmente na mente de Paulo. Se fosse apenas isso, talvez Paulo o encontrasse mais à mão, entre as comunidades por ele fundadas na Ásia Menor e na Grécia. Paulo precisava de outra coisa dos cristãos de Roma. A intenção dele era “envolver a igreja da capital do império nesta sua missão.”²⁴ Nesse sentido, interessa voltar com atenção às palavras que Paulo escreve: “espero ver-vos passando por vós [em Roma] e por vós ser encaminhado para lá [Espanha], depois de ter gozado um pouco da vossa companhia.”²⁵ O modo como no Novo Testamento se usa o verbo *propempō*²⁶ (encaminhar, enviar, mandar) faz dele, escreve James Dunn, “quase um termo técnico para a provisão garantida por uma igreja como apoio missionário.”²⁷ Que desejava, então, Paulo? “Paulo tinha a expectativa de que a comunidade de Roma pudesse assumir como sua a missão em Espanha, à maneira do que havia feito a comunidade de Antioquia com as suas primeiras missões.”²⁸ Paulo entendia-se como embaixador e a Carta aos Romanos pode bem assemelhar-se, diz Robert Jewett, a uma apresentação de credenciais típica.²⁹ Mas Jewett não tem dúvidas: o seu propósito é desencadear uma “missão cooperativa” a fim de evangelizar as Espanhas.

Os desenvolvimentos críticos na Galácia e em Corinto, com o questionamento do seu estatuto de apóstolo e da sua autoridade, mostrou-lhe o perigo que representava poderem dizer dele que era, no fundo, um *outsider*, uma voz fora do coro que só se representava a si próprio. Era preciso que existisse uma Igreja a suportar as novas fundações de comunidades, e que pudesse, pelo seu prestígio, exercer um magistério de autoridade. Paulo estava pronto a estabelecer que esta responsabilidade seria de Roma, mas precisava de persuadir aquela comunidade a assumi-lo como seu delegado e a dar-lhe o mandato de missionário.³⁰

Uma fenda entre duas posições

Como fazê-lo? É aqui que surge a Carta aos Romanos. A dizer a verdade, Paulo nunca tinha escrito uma carta desse tipo. Todos os seus escritos anteriores tinham sido suscitados em diálogo com comunidades que Paulo conhecia diretamente e constituíam muitas vezes resposta a problemas concretos. Que poderia ele, um desconhecido, dizer que interessasse a

24 Fabris 1997, 378.

25 Rm 15:24.

26 Cf. 1 Cor 16:11, 16; 2 Cor 1:16; Act 15:3.

27 Dunn 1988, 872.

28 Prior 1989, 135.

29 Jewett 1982, 9.

30 Rm 15:24.

membros de uma Igreja estranha, na capital do Império? Paulo reveste-se de especiais cuidados. Com a ajuda de um secretário de nome Tércio,³¹ Paulo vai ditar em tom didático e com uma argumentação ponderada e universal uma espécie de manifesto das suas convicções. Já Orígenes observara que em Romanos, de forma diferente do que sucede, por exemplo, em Gálatas, Paulo não critica a fé dos seus destinatários.³² A carta é pensada como a síntese do anúncio que o apóstolo vem há duas décadas fazendo e que conhece agora uma apresentação convenientemente orgânica e articulada, sem deixar de ser intensa e pessoal. Escreve Bornkamm:

A história pessoal de Paulo desde o momento da sua conversão e vocação, a história da sua vida, da sua atividade, da sua pregação e das suas lutas se repercutem de forma singularíssima nesta que é a mais importante das suas cartas: não apenas a sua história externa, mas também aquela interior e particularmente aquela do seu pensamento teológico. Mesmo se a carta regressar às questões e certezas iniciais que fizeram de Paulo um cristão, um servo de Cristo e apóstolo dos povos, ela mostra também como ele continuou a reelaborar o seu próprio pensamento.³³

É claro que neste momento Paulo não sabe, nem ele escreveu a carta com esse propósito, mas de um ponto de vista histórico e teológico este texto será considerado o seu testamento. A ele voltaremos mais tarde. Por agora concentremo-nos num derradeiro elemento deste capítulo.

Na carta que acabara de assinar, Paulo informa os Romanos de que tinha uma importante obra a realizar, mesmo antes de partir ao seu encontro. As suas Igrejas na Macedónia e Acaia tinham reunido um generoso pecúlio para a sua tão acalentada coleta destinada aos pobres de Jerusalém. Entregar oficialmente esses contributos na Cidade Santa, aos que ali presidiam à Igreja, seria o culminar do seu trabalho no Mediterrâneo oriental.³⁴

Mas a ideia de passar por Jerusalém deixa-o inquieto e sombrio. Isso transparece bem no pedido que Paulo faz aos seus destinatários romanos: “rezem para que eu escape aos infiéis que estão na Judeia e que o meu serviço em Jerusalém seja bem recebido pelos santos de lá”.³⁵ Paulo tinha a certeza de que Tiago e a sua liderança estariam ao corrente da evolução teológica de Paulo, da sua oposição à circuncisão e à lei, a ponto de se ter tornado, em alguns aspetos, uma antítese da perspectiva deles. Era, assim, mais do que razoável que Paulo se questionasse se Tiago aceitaria um presente ao qual estava tão intimamente associado. Só neste contexto crispado se pode compreender a apreensão de Paulo. É que já tinha experimentado a atitude nacionalista de Tiago tanto pela positiva como pela negativa³⁶ e estava ciente de que um gesto que pudesse ser lido como o forjar de uma aliança com os Gentios, ou com o reconhecimento do seu estatuto, poderia redundar num desaire. Paulo não tinha certeza nenhuma acerca do desfecho desta sua empresa, até porque não sabia o quanto a comunidade de Jerusalém poderia estar carente do apoio financeiro que ele levava.

31 Rm 16:22.

32 Orig. *Comm.in Rom.* 1.9 (trans. Scheck 2001).

33 Bornkamm 1993, 110-11.

34 Rm 15:1-28.

35 Rm 15:31.

36 Gl 2:3, 2:12.

É verdade que poder-se-ia ter feito representar nesta tarefa. As próprias Igrejas participantes tinham mandatado representantes seus e Paulo podia simplesmente ter-lhes confiado essa missão. A sua decisão de perseverar, apesar de ter consciência de que corria perigo de vida ou então que o seu gesto fosse desautorizado, sublinha bem até que ponto Paulo considerava vital a relação entre as Igrejas Judaicas e as Gentílicas. Essa era a sua prioridade. Poucos como ele estavam então capazes de compreender o dano que representava o fosso crescente entre aqueles para quem Cristo era o âmago e aqueles para quem o próprio Cristo estava subordinado à Lei. No entanto, era desesperadamente importante abrir na muralha que separava ambas as posições como que uma fenda, por pequena que fosse. Paulo dispõe-se a jogar tudo aí.

Passado o inverno, quando reabrisse a época da navegação, o mais normal é que Paulo e os seus companheiros viajassem de barco de Corinto para Jerusalém. A viagem não deveria ser longa: um veleiro rápido, apanhando ventos favoráveis de noroeste, alcançaria o litoral Siro-Palestino em duas semanas. Em Jerusalém, só tinha de entregar a dádiva que levava e partir. Se tudo corresse bem, no fim desse verão Paulo estaria a chegar a Roma. Mas a viagem começou a correr mal logo ali em Corinto, como que antecipando a reviravolta nos planos de Paulo que estava prestes a acontecer. Lucas, de forma lacónica, fala de um complô a que Paulo teria escapado à tangente: “quando ia a embarcar decidi fazer a viagem através da Macedónia, visto terem os judeus armado uma cilada contra ele.”³⁷ Norbert Hagedé explica-o assim: “Os barcos estavam cheios de judeus em peregrinação a Jerusalém. Bastariam alguns fanáticos a bordo para que Paulo fosse lançado ao mar. Paulo apercebe-se disso no último minuto, graças sem dúvida aos irmãos de Corinto.”³⁸ E foi assim que, tendo esperado três meses por um navio, Paulo acabou por optar pela via terrestre³⁹ e apanhar o barco noutra porto!

Há um começo para esta história. Mas qual?

Onde começa o cristianismo? Quando é que o seu desenvolvimento alcança o ponto de maturação histórica que nos permite designá-lo como movimento com consciência estável de si e do seu significado? Quais as linhas temporais que balizam o que convencionamos chamar por cristianismo primitivo ou das origens? Para aviar rapidamente o debate, poderíamos dizer que a resposta é, ao mesmo tempo, simples e complexa. É simples porque na origem do cristianismo está, com toda a evidência, aquele Jesus de Nazaré que foi reconhecido pelos seus como “o Cristo”.⁴⁰ Essa é a ligação instauradora. Todas as tentativas para separar Jesus do movimento cristão posterior acabam sempre por revelar-se artificiais.⁴¹

37 Act 20:3.

38 Hagedé 1986, 58.

39 Act 20:3-21.

40 Mc 8:29.

41 “Jesus anunciou o Reino de Deus e o que surgiu foi a Igreja”, lamentava-se por exemplo Loisy, mas o que ele propunha em seu lugar era alguma coisa ainda mais incerta: uma “sociedade invisível”, histórica e ideologicamente flutuante e sem nenhum tipo de regulação. Cf. Loisy 1902, 111.

Mas a verdade é que a resposta é também complexa. Não há nenhuma fronteira (para lá, claro, do antes e depois de Cristo) que delimite perentoriamente o nascimento do cristianismo primitivo. Há um conjunto de acontecimentos marcantes, mas que não podem aspirar à categoria de eventos geradores. O que genericamente se intitula “Concílio de Jerusalém”,⁴² aí pelos anos 48-49 d.C., desempenha um papel de pivô em relação à atividade missionária emergente,⁴³ porém, ele próprio mostra-nos que o cristianismo em Jerusalém era já uma realidade estabelecida e bastante anterior. O mesmo vale para a crise política que culminou com a trágica destruição do Templo, no contexto da chamada Guerra Judaica (66-70 d.C.). O judaísmo reconstruído que se lhe seguiu estava apostado numa clarificação em relação aos cristãos e menos hesitante quanto à conveniência de uma rutura. Certamente que esses acontecimentos deixaram marcas no processo de autocompreensão do cristianismo, como se vê aliás em vários passos dos Evangelhos (leia-se Mc 13:1-37), mas não se pode dizer que tenha sido esse corte a dar conteúdo e início à aventura do cristianismo. Bem mais determinante, por exemplo, é o facto de três das figuras referenciais que estruturavam o movimento cristão terem desaparecido quase ao mesmo tempo, ainda antes da declaração da Guerra Judaica. Os três morrem como mártires: Tiago, o irmão do Senhor, morre no ano 62 em Jerusalém; e Paulo e Pedro em Roma. A morte deles representou para o cristianismo uma autêntica cesura simbólica. Mas, ao mesmo tempo – há que dizê-lo – permitiu a evidência de um dado novo: em vez de estar dependente da atividade pessoal dos Apóstolos, a expansão do cristianismo resultava agora da produção literária em torno ao testemunho apostólico. A composição dos escritos teológicos de Paulo e a redação dos evangelhos na forma de relatos narrativos vão tornar-se a marca de uma tomada de consciência histórica – e por isso mesmo de uma época na história do cristianismo que se deixa delimitar.⁴⁴ Não tenhamos dúvidas: o que marca indelevelmente o processo de autocompreensão do cristianismo é o fenómeno de produção literária que ele alberga no seu seio. A composição de escritos teológicos, sob a autoridade dos Apóstolos (no caso de Paulo) ou pseudonímica (no caso de Pedro e Tiago), e a redação dos evangelhos em forma de relatos narrativos são o grande signo da sua tomada de consciência histórica. Escrevendo, o cristianismo escreve-se. O edifício do movimento cristão está refletido na génese dos escritos neotestamentários. Por isso, se é verdade que não há propriamente um acontecimento posterior a Jesus que se possa assinalar como o espoletador da história do cristianismo primitivo, podemos reconhecer, contudo, que o seu mapeamento decisivo coincide com o período da génese dos escritos neotestamentários. É aqui que entra, claramente, a figura e a obra de Paulo.

42 Gl 2:1-10; Act 15:1-35

43 O exegeta Martin Hengel recorda que qualquer história da primeira fase do cristianismo tem o seu fio condutor na expansão irresistível da fé cristã na área do espaço mediterrânico. Cf. Hengel 1971.

44 Cf. Vouga 1994, 14.

O primeiro escritor cristão

Paulo situa-se na dependência desse acontecimento chamado Jesus e coloca-se, por inteiro, ao serviço do seu anúncio. Mas fá-lo de uma maneira nova, com uma gramática diversa, em contacto com espaços culturais inéditos. O cristianismo, na dicção primeira de Jesus, era sociologicamente uma realidade oral e campesina. As parábolas de Jesus falam com propriedade de campos e de sementeiras acidentadas, de assalariados rurais e de colheitas, de mães de família que amassam o pão de cada dia ou de pequenos negociantes de passagem. Não raro, por detrás do grego corrente em que os evangelhos as narram, ainda se pode como que sentir o eco do aramaico falado nas aldeias palestineses. Opina Wayne A. Meeks: “Paulo era um homem de cidade e toda a sua linguagem respira o mundo urbano.”⁴⁵ Com Paulo o cristianismo ganhou a amplidão que o próprio Jesus prometera,⁴⁶ tornando-se cosmopolita, transfronteiriço e... escrito. Paulo estava apto para protagonizar uma das operações teológicas mais criativas e complexas: a da tradução da mensagem cristã. Diz Romano Penna: “Paulo é o homem de vários primados. Os seus são os primeiros escritos em absoluto na história do cristianismo: a literatura cristã começa precisamente com ele!”⁴⁷

No mundo das cidades greco-romanas onde os homens são desiguais por nascimento e onde os grupos sociais parecem separados por fronteiras raramente ultrapassáveis, o cristianismo podia oferecer a cada um uma nova consciência de si e a solidariedade real e simbólica de uma pertença comum. E podia fazê-lo com as possibilidades de impacto e alcance da mensagem escrita. O Batismo, quer dizer, a decisão de colocar a sua existência sob a senhoria de Cristo crucificado, pressupõe uma escolha pessoal e a aceitação de um novo caminho.⁴⁸ Cada batizado reforça a sua singularidade por uma participação pessoal no mistério de Cristo. Doravante, “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus”,⁴⁹ garantiu Paulo e... por escrito. E falar assim desta nova realidade é também assinalar o arranque da aventura cristã.

Um centro fixo num pensamento móvel

Possuímos de Paulo várias cartas, e há um consenso em considerá-las os primeiros escritos cristãos que chegaram até nós. Em década e meia de atividade epistolar intensa e de reflexão, o seu pensamento evolui, as motivações amadurecem, alteram-se os destinatários e as situações que enfrenta. Mas a evolução do seu pensamento liga-se também a um amadurecimento da forma literária em que se exprime. Se os primeiros escritos de Paulo são cartas

45 Meeks 1983, 9.

46 Mt 28:19-20.

47 Penna 2009, 29.

48 Cf. 1Cor 7.

49 Gl 3:28.

simples, sem especial elaboração, o apóstolo passa a conhecer os recursos da oficina literária e a manejá-los, tornando-se um verdadeiro escritor.

Esta evolução é ainda mais interessante – e é certamente um fator que confere ao pensamento de Paulo um potencial de sedução muito forte – se tivermos em conta que o mundo paulino tem um centro que permanece imutável: a ressurreição de Jesus. “Se Cristo não ressuscitou a nossa pregação é vazia, e vazia também é a vossa fé.”⁵⁰ Um centro fixo num pensamento móvel – assim se poderia descrever em grande parte o gênio do apóstolo que inaugura o cânone cristão.

O meu tipo inesquecível

Nas velhas seleções do *Readers Digest*, havia uma rubrica que acompanhou fielmente a minha adolescência. Chamava-se *O meu tipo inesquecível* e consistia num retrato de alguém que se tinha tornado um mestre inesperado. Alguém suficientemente comum e excêntrico, sábio e desconcertante, afoito e afetuoso para se afirmar como uma referência maior. Muitas vezes penso em Paulo como esse “meu tipo inesquecível”.

Não sabemos o seu nome completo, a data do seu nascimento ou as circunstâncias precisas da sua morte. Contudo, partindo do que ele escreveu de si próprio e do que outros disseram dele, não há, nem de longe, outra figura do cristianismo primitivo sobre quem saibamos tanto.⁵¹ E se compararmos com grande parte dos personagens que a Antiguidade consagrou, pensemos em Hesíodo, Homero ou Sócrates, concluímos que a biografia do Apóstolo está muito melhor sustentada.

As fontes para a reconstrução biográfica de Paulo permanecem essencialmente duas: as cartas paulinas e os Atos dos Apóstolos. As cartas de Paulo têm uma declarada finalidade pastoral, mas é verdade que os traços autobiográficos abundam, pois o Apóstolo compromete-se existencialmente com a sua pregação. Alguns preciosos versículos da 1 Tes (1:1-10); o capítulo 16 da 1 Coríntios; o arranque da 2 Cor, bem como o núcleo constituído pelos capítulos 10 a 13; os capítulos 1 e 2 da Carta aos Gálatas; os capítulos 15 e 16 da importante Epístola aos Romanos; e alguns trechos de Filipenses: é verdade que este conjunto de passagens não bastaria, por si só, para narrar-nos a vida de Paulo, mas transmite-nos em primeira pessoa a consciência apaixonada que ele tem de si próprio e da sua missão.

Que ficamos a saber da vida de Paulo por aí? Que Paulo pertence à tribo de Benjamim (Fl 3:5; Rm 11:1); foi fariseu (Fl 3:5); viu a Cristo; considera-se o último testemunha da ressurreição (1 Cor 15:8). Pouco depois da sua conversão, Paulo prega na Arábia (Gl 1:17) e sobe a Jerusalém somente três anos após se ter tornado discípulo de Jesus. Até lá ele não era conhecido das Igrejas da Judeia. Encontra Pedro e Tiago em Jerusalém (Gl 1:18-24). Sobe

50 1 Cor 15:12.

51 Cf. Kuss 1974.

uma segunda vez a Jerusalém e reencontra de novo Pedro e Tiago, assim como João (Gl 2:1-10). Paulo estreita os laços com a comunidade de Jerusalém organizando em favor dela uma coleta (2 Cor 8:9). E manifesta a intenção de passar por Roma para se dirigir a Espanha.

Contrastes múltiplos de um único retrato

Os Atos dos Apóstolos, de um ponto de vista estritamente biográfico, não deixam de ser lacônicos, pois não era esse o objetivo de Lucas, mais interessado em mostrar como o Evangelho, na força do Espírito, se move de Jerusalém até aos confins da terra.⁵² Por outro lado, “Lucas integra Paulo, mobiliza-o ao serviço da grande viagem da Palavra no império, mas ele deixa na sombra o seu pensamento.”⁵³ E, além disso, sabemos que o seu autor representa uma época em que as questões enfrentadas por Paulo na sua missão estão já reconfiguradas. Contudo, para narrar a expansão do cristianismo. Lucas tem necessidade de abordar longamente a figura e a atividade de Paulo. Fá-lo como “testemunha ocular do último período da vida de Paulo”⁵⁴ Fá-lo como “colaborador”⁵⁵ ou apenas como simpatizante à distância, mas não como companheiro de missão.⁵⁶ A questão há de permanecer em aberto. O mais importante é perceber que a vida e obra de Paulo são abordadas por Lucas de forma coerente com aquele que é o seu programa: deixar claro que as comunidades cristãs helenísticas do final do século I estão ligadas, através da missão de Paulo, às origens judeo-cristãs do cristianismo. Hoje tanto tentam vingar algumas posições minoritárias que defendem que não se pode chegar ao Paulo histórico sem passar pelos Atos dos Apóstolos,⁵⁷ como aquelas que defendem um maior rigor e contenção nessa utilização, para deixar bem claro que se as cartas não são a fonte exclusiva, são a fonte sempre prioritária e principal.⁵⁸

No entanto, há traços importantes da vida de Paulo que aparecem referidos apenas ali (e estão ausentes das cartas): Paulo é natural de Tarso da Cilícia (Act 21:39; 22:3) e é cidadão desta cidade (Act 21:39). De nascimento, Paulo é cidadão romano (Act 22:25-29). O seu nome judeu é Saul (Act 7:58, 13:9). Ele estuda em Jerusalém, aos pés de Gamaliel (Act 22:3). Paulo foi perseguidor dos cristãos em Jerusalém e assistiu à lapidação de Estêvão (Act 7:58). Foi batizado por Ananias em Damasco (Act 9:17). De Damasco, Paulo vai diretamente para Jerusalém, e depois parte de lá para Tarso (Act 9:26-30). Paulo é conduzido por Barnabé a Antioquia da Síria (Act 11:25), e é profeta e Doutor da Igreja de Antioquia (Act 13:1). Realiza a sua primeira viagem missionária na Ásia Menor (Act 13:1, 14:28). Participa na Assembleia de Jerusalém entre a primeira e a segunda viagem missionária (Act 15:1-35). A segunda viagem

52 Act 1:8.

53 Beaudé 2011, 390.

54 Hengel et Schwemer 1997, 7.

55 Rolland 1992, 870.

56 Bartolomé 1992, 107.

57 Jervell 1984, 70.

58 Veja-se a crítica que Murphy-O'Connor (1996, vi) faz às biografias de Paulo assinadas por Fitzmyer, Baslez e Légasse.

missionária tem como plataforma Corinto (Act 15:36 e 18:22). A terceira viagem missionária fixa a sua base em Éfeso (Act 18:23, 21:16). Paulo é feito prisioneiro em Jerusalém, é conduzido a Cesareia e acompanhado a julgamento até Roma (Act 21:17, 28:31).

Tanto Gl 1:17 como Act 9:3; 22:6 e 26:12 coincidem em que Damasco foi para Paulo o princípio dos princípios: experimentou a revelação do Senhor Ressuscitado, viu a sua luz, e começou aí a sua conversão e vocação. É curioso que as Escrituras não referem que Paulo ia de cavalo ou caiu dele. A imaginação e a iconografia ocidentais é que introduziram esse elemento, pois a melhor maneira de representar a reviravolta de Paulo pareceu ser a de uma queda hípica aparatosa. Que a transformação foi grande, isso não há dúvida.

Sobre o seu fim, a morte em Roma, temos algumas referências esparsas da Antiguidade cristã. Eusébio cita o testemunho do bispo de Corinto, segundo o qual Pedro e Paulo teriam sido martirizados. Tertuliano indica que a execução foi semelhante à de João Baptista, ou seja, decapitação. O ano mais provável parece ser o de 67, pela simples razão de que essa data coincide com o fim da perseguição de Nero, mas pode ter acontecido entre 64 e 67.

As fontes para o conhecimento de Paulo

O debate sobre as fontes para o conhecimento de Paulo é mais árduo do que se possa à primeira vista supor. As fontes diretas são duas: as cartas autógrafas de Paulo e os Atos dos Apóstolos atribuídos a Lucas. O material que daí provém nem sempre é concorde. Quando uma fonte se aproxima da outra é frequente acontecer que o mesmo facto seja narrado de forma diferente. E acontece igualmente que uma fonte avance dados que a outra não confirma. Exemplo disto é a diatribe acerca da lei, que é um tema forte das cartas, mas que não comparece nos Atos, ou comparece de maneira muito mais esbatida. Outro exemplo, é o facto de Paulo nas cartas reivindicar para si a condição de Apóstolo, o que não ocorre em Atos. Outro é, em Atos, Paulo apresentar-se como cidadão romano, evocando esse estatuto em sua defesa, reivindicação de que não há sombra nas cartas. Um último exemplo, e este talvez ainda mais desconcertante, é o facto de Atos não referir que Paulo escreveu cartas e praticamente ignorar o lugar da produção epistolar na estratégia missionária do apóstolo. O Paulo cristão de Lucas tem práticas surpreendentemente judaizantes: faz circuncidar Timóteo (Act 16:3) e cumpre um voto de nazireu (Act 18:18; 21:24). E o Paulo taumaturgo dos Atos não combina completamente bem com a imagem que dele temos no seu epistolário.

Pelos anos 50, John Knox apresenta um princípio que ficou conhecido com o seu nome, segundo o qual se defende que a fonte primária para o conhecimento de Paulo deve ser as cartas, e a fonte secundária os Atos, sendo que estes podem ser utilizados para completar as informações das cartas, mas nunca para as corrigir.⁵⁹ A biografia de Paulo interessa porque

59 Cf. Knox 1950.

a sua teologia é uma teologia aplicada, contextual. É por isso que a sua vida é importante: é uma teologia feita nos questionamentos, nas polémicas, nos confrontos, nos encontros e nas relações.

Recorrendo apenas às cartas para reconstruir a biografia de Paulo, ficamos na posse dos seguintes elementos: Paulo pertence à tribo de Benjamim (Fl 3:5; Rm 11:1); foi fariseu (Fl 3:5); viu a Cristo e é a última das testemunhas da ressurreição (1 Cor 15:8); pouco depois da sua conversão, Paulo prega na Arábia (Gl 1:17); sobe a Jerusalém apenas três anos depois de se tornar discípulo de Jesus. Até aí não era conhecido das Igrejas da Judeia. Em Jerusalém encontra Pedro e Tiago (Gl 1:18-24); sobe uma segunda vez a Jerusalém, catorze anos depois da primeira vez. Em Jerusalém, ele encontra novamente Pedro e Tiago, e ainda João (Gl 2:1-10); Paulo mantém laços com a Igreja de Jerusalém, recolhendo a coleta para ela nas Igrejas por ele fundadas (2 Cor 8-9); alimenta o projeto de passar por Roma para chegar a Espanha (Rm 15:23-24, 28).

Por outro lado, recorrendo apenas aos Atos, ficamos a saber que: Paulo nasceu em Tarso, na Cilícia (Act 21:39; 22:3) e é cidadão dessa cidade (Act 21:39); Paulo é, também por nascimento, cidadão romano (Act 22:25-29); o seu nome judeu é Saul (Act 7:58; 13, 9); ele estudou em Jerusalém, aos pés de Gamaliel (Act 22:3); foi perseguidor em Jerusalém e assistiu à lapidação de Estêvão (Act 7:58); foi batizado por Ananias em Damasco (Act 9:17); de Damasco, Paulo vem diretamente a Jerusalém, e daí parte para Tarso (Act 9:26-30); Paulo é conduzido por Bernabé a Antioquia da Síria (Act 11:25); Paulo é profeta e doutor da Igreja de Antioquia (Act 3:1); realiza uma primeira viagem missionária na Ásia Menor (Act 13:1-14, 28); participa na Assembleia de Jerusalém, entre a primeira e a segunda viagem missionária (Act 15:1-35); faz uma segunda viagem missionária, com base em Corinto (Act 15:36-18, 22); realiza a terceira viagem missionária, com base em Éfeso (Act 18:23-21, 16); detenção, processo, viagem a Roma (Act 21:17-28, 31).

Diante destes dados, a questão é em que medida eles são conjugáveis. Fixando-nos nos elementos comuns às cartas e aos Atos, o que podemos afirmar é bem mais sucinto: que Paulo era judeu; que antes da sua conversão a Cristo, Paulo foi perseguidor dos primeiros discípulos; que é ele que evangeliza Tessalónica, Filipos, Corinto e a Galácia; que passa por Atenas pouco tempo depois da sua primeira estadia em Tessalónica; que trabalhava com as próprias mãos, para não ser pesado às comunidades que o recebiam; que a sua pregação suscita reações e é alvo de violência e prisões.

Quanto às fontes indiretas, temos as que nos fornecem dados sobre o contexto histórico, social, religioso e cultural, que confirma o que as fontes diretas dizem sobre Paulo. Com efeito, da época de Paulo não temos fontes indiretas, mas temos fontes que nos falam das cidades por onde Paulo passou, o que permite a construção de uma plausibilidade. Os estudos sobre o judaísmo confirmam o que se diz nas cartas de Paulo, mesmo que em polémica. Outro aspeto a considerar é Paulo no Império: sem o Império – mobilidade, redes

de comunicação, etc. – não se pode compreender Paulo: eram comuns homens – filósofos, pensadores e pregadores – que circulavam pelo Império, pelo que estes dados corroboram a própria ação de Paulo.

REFERÊNCIAS

- Barbaglio, Giuseppe. 1999. *La Teologia di Paolo. Abbozzj in forma epistolare*. Bologna: Dehoniane.
- Bartolomé, Juan J. 2009. *Paolo di Tarso. Un'introduzione alla vita e all'opera dell'apostolo di Cristo*. Roma: Libreria Ateneo Salesiano.
- Baslez, Marie-Françoise. 1991. *Saint Paul*. Paris: Fayard.
- Beaude, Pierre-Marie. 2011. *Saint Paul, l'oeuvre de métamorphose*. Paris: Cerf.
- Bornkamm, Günther. 1993. *Paulus. Siebente Auflage mit Literaturnachträgen*. Stuttgart: W. Kohlhammer.
- Dunn, James. 1988. *Romans (9-16)*. Dallas: Word Books.
- Fabris, Rinaldo. 1997. *Paolo. L'Apostolo delle genti*. Milano: San Paolo.
- Hengel, Martin. 1971. "Die Ursprung der christlichen Mission." *NTS* 18:15-38.
- Hengel, Martin, et Anna Maria Schwemer. 1997. *Paul. Between Damascus and Antioch. The Unknown Years*. Louisville: Westminster John Knox.
- Hugedé, Norbert. 1986. *Saint Paul et Rome*. Paris: Les Belles Lettres.
- Jervell, Jacob. 1984. *The Unknown Paul: Essays on Luke-Acts and Early Christian History*. Minneapolis: Augsburg.
- Jewett, Robert. 1982. "Romans as an Ambassadorial Letter." *Interpretation* 36:5-20
- Knox, John. 1950. *Chapters in a Life of Paul*. New York: Abingdon-Cokesbury.
- Kuss, Otto. 1974. *La funzione dell'apostolo nello sviluppo teologico della Chiesa primitiva*. Balsamo: Paoline.
- Lasserre, François, ed. et trans. 1966. Strabon. *Géographie (Livres III-IV)*. Paris: Les Belles Lettres.
- Lehnus, Luigi, ed. et trans. 1981. Pindaro. *Olimpiche*. Milano: Garzanti.
- Loisy, Alfred. 1902. *L'Évangile et l'Église*. Paris: Alphonse Picard et fils.
- Meeks, Wayne A. 1983. *The First Urban Christians. The Social World of the Apostle Paul*. New Haven: Yale University Press
- Murphy-O'Connor, Jerome. 1996. *Paul. A Critical Life*. Oxford: Clarendon.
- Penna, Romano. 2009. *Paolo scriba di Gesù*. Bologna: Dehoniane.
- Prior, Michael. 1989. *Paul, the Letter-Writer and the Second Letter to Timothy*. Sheffield Academic Press.
- Reicke, Bo. *Re-examining Paul's Letters. The History of the Pauline Correspondence*. Harrisburg: Trinity Press International.
- Reynier, Chantal. 2009a. "Les Voyages de Paul vus a travers les déplacements dans l'antiquité." *Didaskalia* 38:51-68.
- . 2009b. *Saint Paul sur les routes du Monde Romain. Infrastructures, Logistique, Itinéraires*. Paris: Cerf.
- Rolland, Philippe. 1992. "Discussions sur la chronologie paulienne." *NRT* 111:870-89.
- Sanders, Ed Parish. 1991. *Paul*. Oxford University Press.
- Scheck, Thomas P., trans. 2001. *Commentary on the Epistle to the Romans. Books 1-5*. Washington D.C.: The Catholic University of America Press.
- Schnelle, Udo. 1994. *Einleitung in das Neue Testament*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Spicq, Ceslas. 1969. *Les Épîtres Pastorales*. Tome I. Paris: J. Gabalda.
- Vouga, François. 1994. *Les premiers pas du christianisme. Les écrits, les acteurs, des débats*. Genève: Labor et Fides.



A carreira do Professor José Augusto Ramos marcou, na paisagem académica do nosso país e da lusofonia, o panorama da História da Antiguidade e dos Estudos Bíblicos, assim como várias gerações de historiadores, tradutores, investigadores, professores, pensadores e leitores. Com ele, aprendemos a pensar, a traduzir, a historiar. Estes dois volumes recolhem textos dos seus amigos, colegas, discípulos e alunos, em tributo à generosidade e influência de um Mestre, e guardam a memória institucional de um percurso de uma importância única para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e para os esforços multisseculares de tradução da Bíblia na nossa língua.

Imagens de capa e contracapa:
Almada Negreiros, *Expulsão do Paraíso*, 1961
Gravuras Incisas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Fotografia por: Amílcar Guerra